

## OS TRÊS FILHOS DE ABRAÃO THE THREE CHILDREN OF ABRAHAM

Ednalisson N. de Aquino<sup>1</sup>  
Kelly Thaysy Cabral Lopes<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo tem por objetivo apresentar alguns eventos relevantes da vida de um dos mais eminentes personagens dos livros sagrados, Abraão, o homem da fé, bem como determinados elementos históricos, religiosos, doutrinários e culturais das três maiores tradições religiosas do planeta, a saber: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Nossa abordagem, no tocante às questões de fé daqueles que aqui chamamos, carinhosamente, de filhos de Abraão, será igualmente sucinta e evidenciará traços de unidade, tolerância e respeito entre eles, mas também certas divergências tanto na esfera doutrinária quanto social. Levando em consideração a ordem cronológica, cuidaremos primeiro do judaísmo, em seguida, do cristianismo e, por último, do islamismo. Concluiremos com uma visão geral do diálogo interreligioso e de alguns conflitos entre os filhos do patriarca ao longo da história.

**Palavras-chave:** Deus. Abraão. Judaísmo. Cristianismo. Islamismo.

### ABSTRACT

The article aims to present some relevant events in the life of one of the leading figures of the sacred books, Abraham, the man of faith, and certain historical elements, religious, doctrinal and cultural of the three major religious traditions of the world, namely: Judaism, Christianity and Islam. Our approach, in respect of matters of faith of the approach we call, affectionately, as sons of Abraham, will also be brief and will evidence unit traits, tolerance and respect between them, but also certain differences in both doctrinal and social spheres. Taking into account the chronological order, first take care of Judaism, then Christianity and finally Islam. We will conclude with an overview of interreligious dialogue and some conflicts among the sons of the patriarch throughout history.

**Keywords:** God. Abraham. Judaism. Christianity. Islam.

### INTRODUÇÃO

Ao longo da história, judeus, cristãos e muçulmanos têm se abraçado, mas também se estranhado bastante, somente de algumas décadas para cá é que seus líderes não têm poupado esforços para apresentarem um novo discurso capaz de melhorar o relacionamento com as demais tradições religiosas. No entanto, a tarefa de promoção do diálogo, respeito, tolerância religiosa e busca da unidade não é fácil, uma vez que também tem crescido o número de grupos de fanáticos e terroristas.

No Oriente, a Irmandade Muçulmana, o Talibã, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL), e outros grupos, têm aterrorizado não só minorias cristãs, mas também os próprios muçulmanos que não compartilham desse tipo de mentalidade, espiritualidade e organização política. No lado de Israel há os sionistas, que cada vez mais têm ocupado o território palestino e dizimado os habitantes de Gaza. Os ataques israelenses são

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia no Seminário Arquidiocesano da Paraíba - SAPIC

<sup>2</sup> Professora da disciplina Eclesiologia IV – Ecumenismo no SAPIC. Mestranda em Ciências das Religiões – UFPB. E-mail: thaysy.lopes@gmail.com

desproporcionais com relação aos mísseis lançados pelo braço armado do Hamas. A própria Organização das Nações Unidas já condenou veementemente tanto os ataques dos sionistas quanto o terrorismo do Estado Islâmico. E quanto aos cristãos? Estes também não ficam de fora da responsabilização de certos conflitos, por exemplo: quando os Estados Unidos invadiram o Iraque sob o pretexto de libertarem os iraquianos do tirano Saddam Hussein e suas armas químicas, restou comprovado que tudo não passou de uma grande mentira do cristão metodista George W. Bush, então presidente, e seus aliados igualmente cristãos. É bem verdade, Saddam, de fato, era um déspota, mas uma das ideias propagadas, que prejudicaram bastante o relacionamento entre cristãos e muçulmanos, era a de que o Ocidente, representando pelo imperialismo estadunidense com seu líder cristão, estaria em guerra contra o Oriente islâmico. Parecia, então, que se tratava de uma batalha entre cristãos e muçulmanos.

Todavia, neste artigo, não vamos tratar de conflitos, mas de crenças. Vamos procurar conhecer um pouco os filhos de Abraão e identificar alguns pontos de convergência e divergência entre eles, pois, que fique claro, enquanto alguns homens maculam a relação entre as três grandes tradições religiosas, outros tantos buscam o caminho da paz, do bem e da unidade no amor. Estes, de fato, compreenderam que irmãos não devem viver se matando, mas se amando e cuidando uns dos outros. E para tanto, é imprescindível a abertura de coração para conhecer o outro, o diferente, suas crenças e cultura, e deixar-se conhecer. As palavras de ordem são, portanto, o amor, a tolerância e o respeito.

### **Breve Comentário sobre o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo**

Nas Sagradas Escrituras, entre os inúmeros personagens que se destacam quer pelo testemunho de vida, quer por outros motivos, encontramos Abraão, o patriarca da fé, o pai das três maiores tradições religiosas do planeta: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Segundo a tradição bíblica, Abraão, filho de Terá, teria nascido em Ur dos caldeus (região sul da Mesopotâmia; hoje, Iraque) e recebera o nome de Abrão, sua raiz familiar vem da linhagem de Sem, filho de Noé, o sobrevivente do grande dilúvio.

Por volta do ano 1800 a.C., Deus chama Abrão para que o mesmo deixe sua parentela e sua terra Harã e vá para a terra que o próprio Deus lhe mostrará. Estamos no capítulo 12 do Gênesis, a promessa divina fará de Abrão um grande povo, ele será abençoado e seu nome será engrandecido.

Abrão, septuagenário, obediente a Javé, parte com sua mulher Sarai e o sobrinho Ló em direção à terra prometida, Canaã. E lá chegam e fazem morada. Em Canaã, Abrão constrói um altar em homenagem ao Senhor que lhe aparecera. Conforme a escritura, a terra é assolada pela fome e Abrão desce ao Egito para aí habitar.

No Egito, Abrão, temendo morrer por causa da beleza de sua mulher, passa-se por irmão da mesma. O faraó se encanta por Sarai, acolhe Abrão e lhe dá bois, jumentos, servas e camelos. Todavia, por causa de Sarai Deus fere o faraó e sua casa, e o faraó, por sua vez, expulsa daquela terra Abrão, sua mulher, suas posses e o sobrinho Ló. Abrão, então, retorna à Canaã, ao Sul de Betel e invoca o nome de Javé.

Conforme a Escritura, a terra não é suficiente para o estabelecimento de Abrão com suas posses e Ló, que também tem ovelhas, bois e tendas. Há uma disputa entre os pastores dos rebanhos de ambos. Abrão pede ao sobrinho que escolha onde quer habitar, para que não haja discórdia entre eles, e se separam. Ló escolhe para si a Planície do Jordão e lá se estabelece, enquanto que Abrão permanece em Canaã.

Depois da separação, Javé diz a Abrão (Gn 13, 14-17):

Ergue os olhos e olha, do lugar em que estás, para o norte e para o sul, para o oriente e para o ocidente. Toda a terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua posteridade para sempre. Tornarei a tua posteridade como poeira da terra: quem puder contar os grãos de poeira da terra poderá contar teus descendentes! Levanta-te! Percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura, porque eu ta darei” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM – BJ, 1985, p.48).

Abrão então vai se estabelecer no Carvalho de Mambré, em Hebron, e lá constrói um altar para Javé.

O capítulo 14 do Gênesis narra os conflitos envolvendo povos vizinhos do patriarca, são os reinos de Senaar, Elasar, Elam, Goim, Sodoma, Gomorra, Adama, Semeber e Bela. Numa das batalhas, Sodoma e Gomorra é tomada por Codorlaomor, rei de Elam, e seus aliados, e Ló é feito prisioneiro. Abrão, por sua vez, com o apoio de seus familiares e aliados, em número de 318 homens derrota o inimigo e recupera seu parente e todos os seus bens.

Depois de ter derrotado Codorlaomor e os reis que estavam com ele, Abrão volta para sua terra e o rei de Sodoma vai ao seu encontro no vale de Save. Daí surge um personagem misterioso, seu nome: Melquisedeque, rei de Salém, que traz pão e vinho e é sacerdote do Deus Altíssimo. Ele pronuncia esta bênção (Gn 14, 19-20): “Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo que criou o céu e a terra, e bendito seja o Deus Altíssimo que entregou teus inimigos em tuas mãos” (BJ, 1985, p.50). E Abrão lhe dá o dízimo de tudo.

O capítulo 15 trata da promessa de posteridade a Abrão e da aliança divina por meio do sacrifício de animais, são eles: uma novilha, uma cabra e um cordeiro, todos com a idade de três anos, uma rola e um pombinho. No capítulo 16, já que Sarai não pode dar um filho a Abrão, o mesmo tem a permissão dela para tomar a serva egípcia Agar como sua mulher e a engravida. Nasce o primeiro filho de Abrão e lhe é dado o nome de Ismael, que significa “Deus ouviu”.

Quando Abrão completa 99 anos, Javé lhe aparece e diz (Gn 17, 1-2): “Eu sou El Shaddai, anda na minha presença e sê perfeito. Eu instituo minha aliança entre mim e ti, e te multiplicarei extremamente” (BJ, 1985, p.52). Em seguida, Abrão cai com rosto por terra. E Deus lhe fala assim (Gn 17, 4-8):

Quanto a mim, eis a minha aliança contigo: serás pai de uma multidão de nações. E não mais te chamarás Abrão, mas teu nome será Abraão, pois eu te faço pai de uma multidão de nações. Eu te tornarei extremamente fecundo, de ti farei nações, e reis sairão de ti. Estabelecerei minha aliança entre mim e ti, e tua raça depois de ti, de geração em geração uma aliança perpétua, para ser o teu Deus e o de tua raça, depois de ti. A ti, e à tua raça depois de ti, darei a terra em que habitas, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o vosso Deus (BJ, 1985, p.52).

O sinal da aliança entre Deus e Abraão será a circuncisão, isto é, a retirada da carne do prepúcio. No oitavo dia, todos os machos deverão ser circuncidados, tanto o de casa quanto o comprado por dinheiro a algum estrangeiro que não é da raça abraâmica. E Deus promete a Abraão um filho, que será chamado Isaac, com quem o Altíssimo selará também uma aliança, e Sarai, igualmente abençoada, passa a ser chamada de Sara, que significa “mãe de reis”.

No capítulo 18, temos um dos episódios marcantes da trajetória de Abraão. No Carvalho de Mambré, o patriarca, sentado na tenda sob o maior calor, vê três homens de pé. Em seguida, corre ao encontro deles e se prostra por terra, e os acolhe com água para lavar-lhes os pés, pão, leite e vitelo. A Abraão é dito que a esposa dele terá um filho. Sara ouve a conversa e ri, daí a razão de ser do nome Isaac (“rir”). Os homens levantam-se e partem em direção a Sodoma para destruí-la por causa dos pecados dos habitantes daquela cidade, porém,

graças à intercessão de Abraão, os que Deus encontrar justos não serão exterminados. Ló, aconselhado pelos anjos para que saia daquela cidade com sua família e não olhe para trás, se refugia em Segor. E Deus faz chover enxofre e fogo sobre Sodoma, Gomorra e toda a Planície. A mulher de Ló, porém, desobedece ao anjo e se transforma em estátua de sal.

No capítulo 21, Deus visita Sara, como dissera, e realiza sua promessa. Sara concebe e dá à luz um filho ao já velho Abraão, e Isaac é circuncidado no oitavo dia. Ao ver a criança desmamada brincar com a filha da serva egípcia, Sara pede que Abraão expulse Agar e Ismael, para que este não seja herdeiro com Isaac, mas o patriarca não gosta da idéia. Contudo, Deus intervém e manda que Abraão obedeça Sara. Deus lhe diz (Gn 21, 11-13): “Não te lastimes por causa da criança e de tua serva: tudo o que Sara te pedir, concede-o, porque é por Isaac que uma descendência perpetuará o teu nome, mas do filho da serva eu farei também uma grande nação, pois ele é de tua raça” (BJ, 1985, p.58). E Abraão obedece. O mesmo toma um pão e um odre com água e dá para Agar, coloca-lhe a criança nos ombros e a despede.

No capítulo 22, temos o episódio mais emblemático da vida de Abraão, qual seja: Deus o põe à prova, pede que ele tome seu filho Isaac e o ofereça em holocausto. O patriarca, homem fiel, mais uma vez obedece a Deus, toma seu filho e vai à terra de Moriá. Lá, no lugar que Deus lhe indicara, Abraão constrói um altar, dispõe a lenha, amarra seu filho nela, coloca-o sobre o altar, estende a mão e apanha o cutelo para realizar o sacrifício, todavia, o anjo de Javé intervém. Vejamos agora a bela narração do texto (Gn 22, 11-18):

“Abraão, Abraão!” Ele respondeu: “Eis me aqui!” O anjo disse: “Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus: tu não me recusaste teu filho, teu único”. Abraão ergueu os olhos e viu um cordeiro, preso pelos chifres num arbusto; Abraão foi pegar o cordeiro e o ofereceu em holocausto no lugar de seu filho. A este lugar Abraão deu o nome de “Iahweh proverá” [...].

O anjo de Iahweh chamou uma segunda vez a Abraão, do céu, dizendo: “Juro por mim mesmo, palavra de Iahweh: porque me fizeste isso, porque não recusaste teu filho, teu único, eu te cumularei de bênçãos, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia que está na praia do mar, e tua posteridade conquistará a porte de teus inimigos. Por tua posteridade serão abençoadas todas nações da terra, porque tu me obedeceste” (BJ, 1985, p.60).

Abraão, fiel a Deus, continua sua trajetória com seus familiares e amigos, vê sua mulher Sara morrer em Hebrom aos 127 anos, presencia ainda Isaac receber por esposa Rebeca, filha de Batuel, e já no fim da vida toma Cetura por mulher e com ela tem seis filhos. O patriarca morre aos 175 anos de idade, cercado por seus entes queridos, e é sepultado por Isaac e Ismael na gruta de Macpela.

Pois bem, apresentamos aqui um resumo da história de Abraão, o pai da fé, agora vamos conhecer seus três “filhos”: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Começamos pelo filho mais velho, o judaísmo.

A tradição religiosa do povo judeu tem cerca de 3000 anos, todavia, antes de falarmos de seu evento fundante, convém deixar claro de imediato que, para as três tradições religiosas – cada qual de acordo com suas crenças – a razão de ser de suas religiões brota do próprio Deus; Ele é a fonte, e é por desígnio dEle que elas existem. Pois bem, dito isso, vamos em frente. O evento fundante do judaísmo é a “pessach” (páscoa), que significa “passagem”. Tal passagem pode ser compreendida em dois aspectos, a saber: a do próprio Senhor pelo Egito e a dos hebreus pelo mar.

Primeiro, o Senhor passa pela terra do Egito e fere todos os primogênitos egípcios, inclusive o do faraó e dos animais. Em seguida, o faraó pede que Moisés e Arão saiam imediatamente daquela terra e levem consigo os israelitas. Os “filhos de Israel” então passam

pelo mar “a pé enxuto” entre as duas muralhas de água à esquerda e à direita enquanto o exército de faraó, que fica para trás, é vencido por aquelas águas. Destarte, graças a intervenção divina, os hebreus são libertos da servidão do Egito.

Pessach é igualmente a solene celebração litúrgica do evento libertador. Depois de libertos, os filhos de Israel, na peregrinação pelo deserto, por meio de Moisés renovam a aliança com YHWH (Javé) e dele recebem as tábuas da lei por volta de 1200 a.C.. A aliança com Deus no monte Sinai e os 10 mandamentos, ou melhor, as 613 leis mosaicas são o desdobramento lógico da fundação do judaísmo.

Os judeus passaram 40 anos em peregrinação pelo deserto, entre altos e baixos, ora fiéis, ora murmurantes e desobedientes. Nesse período, organizaram-se em 12 tribos (estas tiveram origem séculos atrás com os doze filhos de Jacó, também chamado de Israel) sob a liderança de Moisés e seu irmão Aarão. Com Josué, entraram na terra prometida, depois houve o período dos juízes, seguido pelo período dos monarcas (rei Davi, séc. X), a divisão dos reinos do Norte (Israel) e Sul (Judá), o exílio da Babilônia (séc. VI), a volta do exílio, a reestruturação do governo e do culto, e no ano 70 d.C. houve uma grande revolta contra o império romano que resultou na destruição do templo de Jerusalém pelo general Tito. Daí os judeus se espalharam pelo mundo inteiro até a criação do Estado de Israel em 1948.

Segundo Antonius Gunneweg, autor do livro “História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias”:

[...] o novo Israel, mesmo depois de quase dois milênios, compreende-se a si mesmo na continuidade histórica da história do antigo Israel e a partir dela. Além disso, a “História de Israel” é, em termos teológicos, uma ciência auxiliar da exegese do Antigo Testamento e da hermenêutica bíblica. Por isso, também para alguém que não consegue enxergar no novo Estado de Israel o cumprimento das esperanças messiânicas – aliás, em sintonia com o judaísmo ortodoxo –, essa época mais recente da história de Israel na terra de seus pais não deixa de ter relevância teológica, e sua abordagem histórica, embora ela mesma seja inteiramente não-teológica, poderia, indiretamente, oferecer uma contribuição para uma melhor compreensão do Antigo Testamento (2005, p.309).

O judaísmo está ramificado nos seguintes movimentos: ortodoxo; conservador; reformista; reconstrucionista e humanista. Não vamos nos deter neles. Estima-se que hoje há entre 12 e 15 milhões de judeus espalhados pelo mundo, o equivalente a 0,2% da população mundial. Cerca de 42% vivem em Israel, 42% nos Estados Unidos e Canadá, e a maioria dos 16% restantes na Europa. No Brasil, há um pouco mais de 100 mil. Mas quem é judeu? Segundo os ortodoxos, é judeu todo aquele que nasce de mãe judia ou se converte ao judaísmo. Os reformistas e reconstrucionistas aceitam também a linhagem patrilinear, desde que os filhos tenham sido educados no judaísmo. Os homens, inclusive os convertidos, têm que passar pelo ritual de circuncisão (brit milá), a diferença é que estes últimos têm que passar também pelo banho ritual (mikvá). Agora, numa visão geral, vejamos quais são os principais pontos de doutrina dessa tradição religiosa:

- Monoteísmo: a unicidade absoluta de Deus, o criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; Aquele que “É o que É” (Eu Sou: YHWH), onipotente, oniciente e onipresente.
- Revelação e profetas: Deus se revela continuamente a seu povo de geração em geração. Os judeus creem na Torá (a Lei), nos Profetas (Neviim) e Escritos (Ketuvim), respectivamente cinco, oito e onze livros num total de 24 livros. A

Bíblia Hebraica é chamada de TANAK e o Talmude (coletânea de comentários eruditos sobre a Torá), guardadas as devidas proporções, também é considerado um livro sagrado. E quanto aos profetas, estes são os que falam em nome de Deus, anunciam a justiça divina, denunciam as injustiças e chamam o povo à conversão.

- Ressurreição: antes do exílio da Babilônia não se falava em vida pós-morte, os saduceus posteriormente também não criam nem no céu nem no inferno. Só depois, com os fariseus, é que grande parte dos judeus passou a crer no juízo final, na imortalidade da alma e ressurreição dos mortos. Hoje, a maioria das correntes crê na ressurreição, enquanto que outras, na reencarnação.
- Messianismo e mundo vindouro (Olam Habá): o conceito varia de ramificação para ramificação. A corrente majoritária crê que o messias é um homem judeu que viria da tribo de Judá (descendente do rei Davi), tem autoridade para interpretar a palavra de Deus, reinará sobre Israel, reconstruirá a nação fazendo com que todos os judeus retornem à Terra Santa e reunirá todas as povos do mundo em torno de Javé, numa era de paz e prosperidade. A corrente reformista, todavia, crê que a era messiânica não diga respeito necessariamente a uma pessoa, mas a uma era de paz, prosperidade e justiça na humanidade. Quanto ao mundo vindouro, neste, todas as nações estariam submetidas a Javé e à Torá, e Israel ocuparia lugar proeminente.

Os judeus rezam nas sinagogas e principalmente no seio familiar (o lar) uma vez que o Templo não mais existe senão o muro das lamentações, que também é reservado para orações. As principais festas do judaísmo são: Pessach (Páscoa), Shavuot (Sete Semanas, Festa das Colheitas, Primícias), Sucot (Festa dos Tabernáculos) e Yom Kipur (Dia do Perdão, orações e jejum). A terra santa para os judeus é Israel (principalmente Jerusalém) e os maiores mandamentos são estes: “Ouve, ó Israel, Iahweh nosso Deus é o único Iahweh. Portanto, amarás Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força (Dt 6, 4s); [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19, 18). Conforme o calendário judaico, estamos no ano 5775.

Hoje, os judeus respeitam a pluralidade religiosa e entendem que a observação da lei mosaica, isto é, o cumprimento da Torá é devido apenas ao seu povo. Agora vamos conhecer um pouco outro filho de Abraão, o cristianismo.

O evento fundante do cristianismo é a encarnação do Filho de Deus, a Palavra Eterna do Pai. Em Maria, a virgem humilde e obediente, o Filho é concebido na potência do Espírito Divino, por volta do ano -6 e -4, recebe o nome de Jesus (Deus salva) e os cuidados do pai adotivo José, homem justo, e da mãe já mencionada.

Jesus assume integralmente a nossa humanidade, exceto o pecado. Ele vive como um de nós; inaugura o reino de Deus na terra, chama todos à fé, à conversão, ao amor, à misericórdia e à justiça. O divino mestre reúne ainda 12 homens para segui-lo mais de perto, aos quais confia a missão de dar continuidade ao anúncio do reino e “apascentar o rebanho” (o povo de Deus) sob a primazia do apóstolo Pedro. A missão de Jesus culmina com sua morte e ressurreição, a páscoa da nova e eterna aliança, e ascensão ao céu. Sua morte se deve a razões político-religiosas, como um subversivo para os romanos e como herege para os judeus.

Na cruz, Jesus entrega o Espírito. É do lado aberto do crucificado que nasce a Igreja, da água (símbolo do batismo) e do sangue (símbolo da eucaristia) que jorram Daquele que dá sua própria vida para a salvação da humanidade. Ele, como diz o apóstolo Paulo (Fl 2, 8), “foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (BJ, 1985, p.2207). A última palavra não foi a da

morte, mas da vida, da ressurreição. Ao terceiro dia, Jesus, o Cristo, aparece ressuscitado, porém, antes de ascender ao Pai, Ele envia seus apóstolos e discípulos em missão. Doravante, na força do Espírito Santo, que procede do Pai pelo Filho, a comunidade dos fiéis tem a missão salvífica de dar continuidade ao anúncio do reino de Deus. No Espírito, os cristãos são agraciados; é-lhes conferido dons, carismas e ministérios para a edificação do Corpo de Cristo, isto é, a Igreja.

O livro dos Atos dos Apóstolos resume bem como eram os primórdios do cristianismo, o retrato das comunidades e o projeto dos seguidores do Nazareno, os que pertenciam ao grupo do “Caminho”, vejamos (At 2, 42-47):

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos (BJ, 1985, p.2051).

Em consonância com o Atos ainda, o movimento de Jesus possui três características fundamentais, a saber: é animado pelo Espírito Santo; é missionário, e sua estrutura básica é representada pelas pequenas comunidades domésticas. Antes de o movimento de Jesus se institucionalizar como Igreja, ele foi um movimento do Espírito e eminentemente missionário. De acordo com a obra de Richard, a experiência do Espírito e da missão são “historicamente anteriores à Igreja. Primeiro temos o Espírito e a missão; depois temos a institucionalização das Igrejas” (RICHARD, 2001, p.5).

Os cristãos foram perseguidos, torturados e martirizados nos três primeiros séculos, até que em 313, com o Edito de Milão, foi concedida a liberdade de culto pelo “convertido” imperador Constantino. Mais tarde, no ano 392, com Teodósio, o cristianismo torna-se religião oficial do Império Romano. A partir de então, o cristianismo passa a ser difundido pela Eurásia, e com as grandes navegações (séc. XV), pelos quatro cantos do planeta.

O cristianismo compreende três principais vertentes, são elas: o Catolicismo (1,1 bilhão de católicos), a Ortodoxia Oriental (260 milhões de ortodoxos) e o Protestantismo (Luteranismo, Presbiterianismo, Anglicanismo, Metodismo, Congregacionalismo e outras denominações advindas da reforma, mesmo que muito tempo depois, como as pentecostais e neopentecostais somam 801 milhões de fiéis; vale lembrar, os protestantes também são chamados de evangélicos). Hoje, há, portanto, cerca de 2,1 bilhões de cristãos espalhados pelo planeta. De acordo com matéria do site “além-mar: visão missionária”:

Apesar de os cristãos somarem apenas um terço da população mundial, eles são a maioria da população em 158 países e territórios. A maior parte dos cristãos, 90 por cento, vive em países onde os cristãos são maioria; apenas dez por cento dos cristãos vivem em países onde são minoria (FERREIRA, 2012, sem paginação).

No Brasil, há cerca de 123 milhões de católicos, 42,3 milhões de evangélicos e um pouco mais de 131 mil cristãos ortodoxos.

Numa visão geral, vamos aos principais pontos doutrinários do cristianismo:

- Monoteísmo: os cristãos herdaram do judaísmo a crença no Deus uno. Porém, para a maioria dos fiéis, Deus é uno e trino, isto é, um Deus em três pessoas distintas e indivisíveis: Pai, Filho e Espírito Santo. Os que não creem na Santíssima Trindade são considerados pseudocristãos, como os mórmons, testemunhas de Jeová e outros. Volto a dizer, o Deus dos cristãos é uno e trino, não tríplice.
- Jesus, revelação e salvação: o Filho de Deus é Deus com o Pai e o Espírito Santo; é a pessoa divina do Filho humanada; 100% Deus, 100% homem; é o que realiza perfeitamente a vontade do Pai no Espírito Santo. No que diz respeito à revelação divina, os cristãos creem na unidade do Antigo e do Novo Testamento, este contém 27 livros. Jesus é a plenitude da revelação de Deus; é o centro das Sagradas Escrituras. Os protestantes adotam a Bíblia Hebraica e, portanto, não aceitam a canonicidade de sete livros do AT, são eles: Tobias, Judite, I e II Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruc, já os católicos e ortodoxos adotam a versão grega (a Septuaginta), nesta o Antigo Testamento é dividido em 46 livros. Os que não creem na divindade de Jesus são considerados pela maioria dos cristãos como hereges. Quanto à salvação, Jesus é o Salvador; é o Messias enviado, o Cristo (o Ungido). Pelo mistério de sua páscoa (paixão, morte e ressurreição) a humanidade vence o pecado e a morte, e é reconciliada com Deus.
- Igreja: é a “assembleia” (ekklesia) dos chamados e reconciliados por Deus; é, pois, a comunidade dos fiéis cristãos; é o Corpo Místico de Cristo, cuja cabeça é o próprio Cristo. A Igreja é a continuadora da missão salvífica de Jesus. Entretanto, há divergências teológicas entre as diversas denominações cristãs no que se refere à eclesiologia. Não vamos nos deter nelas.
- Escatologia: os cristãos creem na vida eterna, no céu (para os justos) e no inferno (para os pecadores não arrependidos), no entanto, só os católicos creem no purgatório, como que um “estágio teológico” para os que ainda precisam ser purificados antes de entrarem no céu. Conforme o Catecismo da Igreja Católica:

Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obter santidade necessária para entrar na alegria do Céu (2000, p.290).

Os cristãos rezam em suas casas, nas igrejas e noutros lugares. As principais solenidades são as seguintes: o Natal, a Páscoa e o Pentecostes. A terra santa dos cristãos é o Céu, apesar de venerarem lugares sagrados, como Israel (onde Jesus viveu e morreu) e Roma (Cidade Eterna, cidade dos mártires), e o maior mandamento é este: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15, 12). Com efeito, no mandamento ora em evidência está implícito o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, entretanto, a medida do amor é Cristo; o critério do amor ao próximo é o dele, não o nosso.

Nos dias hodiernos, muito embora haja alguns grupos cristãos fundamentalistas e fanáticos, os seguidores de Jesus têm buscado cada vez mais o caminho de unidade, principalmente por meio de grandes encontros de espiritualidade, teologia, projetos sociais em vista da promoção da dignidade da pessoa humana e do cuidado do planeta, celebrações ecumênicas e os conselhos nacionais (por exemplo: o Conselho Nacional das Igrejas Cristãs – CONIC) e internacionais (Conselho Mundial de Igrejas – CMI; não tem vínculo com este a Igreja Católica, apesar de ter um grupo de trabalho que faz parte da Comissão de Fé e Ordem



e da Comissão de Missão e Evangelismo). Agora vamos conhecer o terceiro e último filho de Abraão, o islamismo.

O islamismo surgiu no século VII com o profeta Maomé, o mesmo nasceu em Meca (atual Arábia Saudita) no dia 6 de abril de 570. Adão, Abraão, Ismael, Isaac, Jacó, Moisés, Davi, Jesus e outros foram grandes homens que o precederam, todavia, para os islamitas (também chamados de muçulmanos ou maometanos), Maomé é o último profeta de Deus. No tocante à etimologia, Maomé significa “louvável”, islã significa “submissão” e muçulmano significa “o que se submete” (a Deus) e Alcorão (recitação, declamação).

Maomé, antes de se tornar um líder religioso e político, foi um mercador, realizou longas viagens e tinha o costume de se retirar para orar e jejuar nos montes perto de Meca. Aos 25 anos, casou-se com a viúva Cadija, 15 anos mais velha que ele; teve seis filhos (quatro mulheres e dois homens). Depois da morte de Cadija, Maomé casou-se com outras 15 mulheres, a maioria viúvas, exceto Aicha. Aos quarenta anos de idade, numa das cavernas do monte Hira, em retiro espiritual, teria recebido a visita do anjo Gabriel, este, por sua vez, teria ordenado que Maomé recitasse os versos de Deus (Alá ou Allah) e que fora escolhido como o último profeta enviado à humanidade. Maomé foi obediente à mensagem do anjo, porém, muitos religiosos rejeitaram as palavras do profeta e começaram a persegui-lo bem como aos seus seguidores. Em 622, Maomé se viu obrigado a fugir (Hégira: “Emigração”) para Yathrib (atual Medina, 350 km a norte de Meca). Nesta cidade, o profeta com os seus fundou a primeira comunidade muçulmana, travou diversas batalhas com os habitantes de Meca e saiu vitorioso. Os muçulmanos tornavam-se cada vez mais fortes e organizados, com seu aparato militar derrotaram várias tribos árabes e conquistaram todo aquele território, unificando-o sob uma nova religião, o islã. Maomé morreu em Medina, no dia 8 junho de 632, com 62 anos.

Para Maomé – e, portanto, para os maometanos –, o judaísmo e o cristianismo não deveriam ser rejeitados, mas protegidos, uma vez que o profeta fora enviado por Deus para restaurar os ensinamentos originais dessas religiões que haviam sido corrompidos e esquecidos ao longo dos tempos. Após a morte de Maomé, durante o califado de Abu Bakr (o único que acompanhou o profeta na Hégira e primeiro califa), os versos divinos foram compilados e integrados no livro sagrado dos muçulmanos, o Alcorão, a palavra literal de Deus. Vale dizer, o califa é o sucessor do profeta; é um chefe de Estado, um representante do califado (título do governante de uma comunidade muçulmana regida pela “sharia”: a legislação, o caminho, a rota para a fonte de água). A sharia é o código de leis (Direito Islâmico) baseado no livro sagrado e nas interpretações de líderes religiosos.

O islamismo está ramificado em duas principais denominações: os sunitas (entre 80 e 90%) e os xiitas (entre 10 e 20%), mas também há os carijitas, os sufis e outros. O islã é a segunda maior religião do mundo e uma das que mais crescem. Hoje, há cerca de 1,41 a 1,47 bilhão de muçulmanos, que equivale a 21-23% da população do planeta. A Indonésia é o maior país islâmico do mundo. No Brasil, estima-se que há um pouco mais de 35 mil seguidores de Maomé. Vejamos agora algumas crenças do islamismo:

- Monoteísmo: os muçulmanos creem na unicidade de Deus. Alá é único, incomparável e a razão de ser da existência humana é adorá-lo.
- Anjos, jinnis, profetas e livros sagrados: os anjos são seres iluminados, criados por Deus para obedecê-lo e louvá-lo, não tem livre-arbítrio e, entre outras coisas, anunciam a revelação divina e protegem os humanos. O anjo mais conhecido é Gabriel. Jinnis são espíritos que habitam o mundo terreno, ao contrário dos anjos, têm livre-arbítrio, geralmente são maus. Azazel (Iblis) é um dos que desobedeceu a Deus e se dedica a praticar o mau. No que se refere aos profetas, estes são considerados homens guiados por Alá para

recordar a humanidade sobre a existência e unicidade de Deus. Adão, Abraão, Moisés (Musa) e Jesus (Isa) e Maomé (o Alcorão faz menção a 25 profetas) são homens mortais, devem ser aceitos e respeitados. Maomé é considerado o último mensageiro, o que trouxe a revelação divina definitiva à humanidade por meio do Alcorão. Há dois tipos de profetas: os que receberam a missão de anunciarem a vontade divina e aqueles a quem foi confiado, além disso, escritos revelados. Com relação aos livros sagrados, Deus revelou sua vontade aos homens por meio da Torá dada a Moisés, dos Salmos (Davi), do Evangelho (Jesus) e, finalmente, do Alcorão, o cume da revelação confiada a Maomé. O Alcorão é constituído de livros, seções, partes e versículos num total de 114 capítulos, denominados “suras”; 92 foram revelados ao profeta em Meca e 22, em Medina. Com exceção de um capítulo, todos começam da seguinte forma: “Em nome de Deus, o clemente, o misericordioso”.

- Predestinação (quadar): embora os homens tenham sido criados livres e, portanto, dotados de razão para fazerem o bem ou o mal, tudo o que sucede com eles já foi determinado por Deus já que o mesmo é onisciente.
- Juízo final (Yaum al-Qiyamah): os homens serão ressuscitados e julgados por seus atos na presença de Deus. Os que não cometeram pecado irão direto para o paraíso, enquanto que os pecadores ficarão um tempo no inferno antes de entrarem no lugar sagrado. Já o inferno eterno é reservado exclusivamente aos religiosos hipócritas, os que se declararam muçulmanos, porém, nunca o foram, de fato. Segundo o Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos – IBEI:

O muçulmano deve acreditar na existência do paraíso e do inferno; do castigo e da recompensa e no purgatório porque o pensamento islâmico obriga os muçulmanos a acreditarem na justiça divina e essa justiça se manifesta de maneira clara e objetiva no dia do juízo final quando os homens serão julgados, perante Deus Altíssimo, depois do dia da ressurreição (2014, sem paginação).

O julgamento final será precedido por vários sinais, dentre os quais, o nascimento do sol no poente, o som de uma trombeta e o aparecimento da uma besta. Virá então Imam Mahdi (“o divinamente guiado”), depois Isa (Jesus), e juntos lutarão contra o mal, estabelecerão a justiça na Terra, abolirão a “jizya” (imposto cobrado aos não muçulmanos em sinal de submissão ao estado islâmico) e unirão muçulmanos e cristãos em torno da verdade, o islã.

Os muçulmanos oram nas mesquitas, em seus lares e noutros lugares, e suas principais solenidades são estas: Eid ul-Fitr (celebração do fim do jejum do Ramadão) e Eid ul-Adha (fim da peregrinação a Meca). O lugar mais sagrado para os maometanos é a Caaba (Cubo), localizada em Meca, teria sido construída por Abraão para adoração do Deus verdadeiro, e a terra santa é Jerusalém, onde fica a Cúpula da Rocha, santuário onde teria sido realizado o sacrifício de Abraão, Jacó e outros profetas, e donde Maomé partira para o céu. O maior mandamento do islã é exatamente o que já fora dito por meio de Moisés e Jesus: o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo, e os cinco pilares da fé são os seguintes: a recitação e aceitação da crença (Chahada), orar cinco vezes ao dia (Salá), dar esmola (Zakat), observar o jejum no Ramadão (Saum) e a peregrinação a Meca (Hajj), se o fiel tiver condições financeiras e físicas (é importante que façam a peregrinação ao menos uma vez na vida, se puderem).

O islamismo é aberto a todos, não tem uma autoridade oficial que decide quem deve ser aceito ou não na comunidade dos fiéis. Para se tornar muçulmano é necessário crer na doutrina islâmica a partir de um ato formalizado pela “chahada”, o enunciado da referida

crença. As lideranças que detêm notável conhecimento da religião são chamadas de “ulemá” (sábio, erudito). Depois de conhecermos um pouco cada uma das três tradições religiosas, vamos agora elencar, de modo sucinto, alguns pontos convergentes e divergentes entre elas:

- **Monoteísmo:** a crença na unicidade de Deus, na sua onipotência, onisciência e onipresença; Ele é o criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Divergência: para os cristãos, Deus é uno e trino, não tríplice; as três pessoas divinas (Pai, Filho e Espírito Santo) são distintas e indivisíveis.
- **Revelação, anjos e profetas:** Deus se revela na história da humanidade, gradativamente, por meio de seus profetas, de livros sagrados e eventualmente pelos mensageiros (anjos), seres celestiais que comunicam a mensagem e vontade divinas. Divergências: para os muçulmanos, somente há anjos bons e eles não têm livre-arbítrio. Os maometanos creem nalguns personagens bíblicos, como Adão, Abraão, Moisés e Jesus, todavia Maomé é o último dos profetas; creem ainda na Torá, nos Salmos e no Evangelho, no entanto, consideram que tais escritos foram corrompidos e que judeus e cristãos se desvirtuaram do caminho, estes por acreditarem que Jesus é Deus, e aqueles por causa da idolatria (por terem adorado o bezerro de ouro). O Alcorão é a palavra literal e imaculada de Deus. Para o judaísmo, Moisés foi o grande líder do povo. A maioria dos judeus não creem no messianismo de Jesus, tampouco em Maomé e diversos ensinamentos do islã. A TANAK é o conjunto de rolos sagrados. Os cristãos, por sua vez, creem no Antigo e no Novo Testamento, e Jesus é O Profeta por excelência, na qualidade de Filho de Deus Salvador, como afirma o credo niceno-constantinopolitano: “Deus de Deus”, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Apesar das diferenças, cada uma dessas tradições religiosas considera que há elementos de verdade nas outras duas.
- **Messias:** encontramos algumas divergências, a saber: para a maioria dos judeus, é alguém nascido de um homem e uma mulher; alguém que vem da tribo de Judá e é descendente de Davi; sua missão é reinar sobre Israel, reestruturando a nação, fazendo que o povo volte à Terra Santa e que os demais povos também sejam reunidos numa era de paz, justiça e prosperidade sob Javé. Para os cristãos, Jesus é o messias nascido de uma mulher sem a participação de homem (José), pois é o Verbo Eterno do Pai, gerado no Espírito de Amor e concebido no seio virginal de Maria. O messias é Deus feito homem. Veio para salvar a todos por meio do mistério de sua páscoa, e virá uma segunda vez para estabelecer definitivamente o reino de Deus. Para os muçulmanos, antes do julgamento final, Imam Mahdi e Isa lutarão contra as forças do mal, estabelecerão a justiça na Terra, abolirão a “jizya” e unirão muçulmanos e cristãos em torno da verdade, o islã. De acordo com algumas tradições, Isa derrotará o falso messias Dajjal (o enganador), casar-se-á, terá filhos, viverá por muitos anos e depois morrerá.
- **Escatologia:** cristãos, muçulmanos e a maioria dos judeus creem na ressurreição dos mortos, na imortalidade da alma (com exceção dos muçulmanos) e num mundo vindouro, contudo, encontramos algumas divergências, vejamos: para os judeus, todas as nações estarão submetidas a Javé e à Torá, e Israel ocupará lugar de proeminência, porém o judaísmo não aceita um conceito literal do céu e do inferno. Para os cristãos, a pátria eterna é o céu, o próprio Senhor; por meio de Jesus, na potência do Espírito Santo,

Deus será tudo em todos (os que o amam); para os justos, o céu, para os pecadores não arrependidos, o inferno. E quanto aos muçulmanos, estes, como dito outrora, creem que os seres humanos serão ressuscitados e julgados por seus atos na presença de Deus. Aqueles que não cometeram pecado irão direto para o paraíso, enquanto que os pecadores ficarão um tempo no inferno antes de entrarem no lugar sagrado. O inferno eterno, vale lembrar, é reservado exclusivamente aos religiosos hipócritas, os que se declararam muçulmanos, porém, nunca o foram, de fato.

Pois bem, esses são os principais pontos doutrinários referentes às três tradições abraâmicas, diga-se, pluralistas e expressivas. Todas enxergam sinais da verdade nas demais. De acordo com Hinze e Omar, organizadores do livro “Herdeiros de Abraão”:

Abraão é creditado como o pai físico de árabes e judeus e, por extensão, pai moral e espiritual de todos os cristãos e muçulmanos. Na paternidade de Abraão temos os fundamentos de nossa herança religiosa comum, mas também nessa paternidade comum repousam as raízes de nossos conflitos religiosos e políticos históricos. É por isso que cada uma de nossas três comunidades de fé quer nosso venerável patriarca apenas para si (2007, p.121).

Os determinados elementos de divergência não impedem, pois, os filhos do patriarca de estabelecerem edificantes diálogos inter-religiosos na busca de unidade no amor, na construção de uma cultura de paz e justiça. Segundo a obra supracitada:

Cada uma das três religiões abraâmicas visa um mundo em que os seres humanos promoveriam ativamente ações orientadas para a paz e a justiça. Espera-se que essas ações sejam tanto morais como eficazes, e que excluam a possibilidade de usar meios não-éticos, tais como a violência ou, ao menos, a violência não qualificada (2007, p.168).

Com efeito, a história é a grande testemunha das inúmeras batalhas, conflitos e “guerras santas” entre membros dessas três grandes tradições. A perseguição dos judeus aos cristãos, as cruzadas, o conflito Israel-Palestina, o atual terrorismo do Estado Islâmico (EI), entre outros, são fatos lamentáveis registrados no coração da humanidade; são feridas ainda abertas com odor desagradável ao próprio Deus que cultuam, feridas de contratestemunho da fé. Contudo, como já dissemos, há inúmeros sinais de esperança em busca da unidade no amor a partir do diálogo. Conforme Hinze e Omar ainda:

Judeus, cristãos e muçulmanos percorreram um longo caminho nas últimas décadas, construindo um fundamento para o diálogo entre suas comunidades. [...] numerosas iniciativas de reunir pessoas dessas três tradições em torno da mesa produziram inestimáveis estudos para futuros debates. Esses estudos mostraram que as conversações passadas eram em geral encontros honestos, livres de polêmicas. Os passos futuros no diálogo deveriam se esforçar para permanecer dentro desses parâmetros, sem se esquivar da discussão crítica sobre questões de diferença e, ao mesmo tempo, questões de semelhança e de desafios comuns. Ainda que as três tradições tenham óbvias diferenças, há uma unidade básica [...], muito evidente em sua fé em um Deus único, o mesmo Deus que Abraão e muitos de seus descendentes seguiram, durante milênios. As diferenças são, no máximo, periféricas, e podem ser mantidas sem deixar o fundamento

comum dentro de uma estrutura inclusiva de respeito e reconhecimento em relação a todos (2007, p.171-72).

O diálogo interreligioso é, portanto, uma necessidade primordial para que cada um dos três filhos de Abraão possa edificar sua comunidade de fé e respeitar e valorizar as demais comunidades religiosas. Isso vale para todos, não só para as religiões abraâmicas.

## CONCLUSÃO

A maioria dos judeus, muçulmanos e cristãos mantém relacionamento respeitoso e cordial, o grande problema está nos grupos fundamentalistas e fanáticos, nos que se outorgam donos da verdade e, se possível, até matam e se matam em nome dela.

Inúmeros eventos, encontros de estudo, oração e espiritualidade – que o diga a Jornada de Oração pela Paz, em Assis, em 1986, promovida por João Paulo II e demais lideranças religiosas de vários credos – têm sido realizados de algumas décadas para cá, tendo em vista a busca pela unidade tanto no âmbito das denominações de cada uma dessas três tradições monoteístas bem como no âmbito do diálogo interreligioso.

Depois de termos conhecido um pouco as três grandes tradições religiosas do planeta, podemos dizer que muito já foi feito e tem sido feito por elas no sentido de estreitarem cada vez mais os laços fraternos e, portanto, de entenderem que as diferenças religiosas não devem ser razões de violência e barbaridade, mas espaço de respeito, busca pela verdade e unidade no amor. Se, por um lado, judeus, cristãos e muçulmanos ainda têm muito caminho a percorrerem nesse sentido, por outro, igualmente colaboraram ao longo da história na construção de valores da sociedade e nos vários campos do saber, inclusive no campo científico.

Finalmente, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que os filhos de Abraão, adoradores do Deus único, a partir de frutíferos diálogos interreligiosos, sinais de tolerância religiosa, e de esforços em vista da promoção da justiça, da solidariedade e cultura de paz, dão testemunho de amor fraterno à suas próprias comunidades e ao mundo.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985, p.48/50/52/58/60/2207/2051. ISBN 85-0500365-9.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. **Edição Típica Vaticana**. São Paulo: Loyola, 2000, p.290. ISBN 85-15-00912-9.

GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias**. São Paulo: Loyola, 2005, p.309.

HINZE, Bradford E.; OMAR, Irfan A. **Herdeiros de Abraão: o futuro das relações entre muçulmanos, judeus e cristãos**. São Paulo: Paulus, 2007, p.121/168/171-72.

RICHARD, Pablo. **O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora de Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 2001, p.5.

FERREIRA, Manuel. **Cristianismo no mundo: um mapa em mudança**. Além-mar: visão missionária. Disponível em: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EFVuVFukFyUPNAVZYU>. Acesso em 20 nov.2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS ISLÂMICOS. Disponível em: [http://www.ibeipr.com.br/perguntas\\_ver.php?id\\_pergunta=25](http://www.ibeipr.com.br/perguntas_ver.php?id_pergunta=25). Acesso em 20 nov. 2014.